

# “VIDAS SECAS”: UMA EXPERIÊNCIA COM O TEXTO LITERÁRIO EM SALA DE AULA

ALMEIDA, Aline Barbosa de.  
Orientadora: SILVA, Eliane Bezerra da.  
UNEAL - Universidade Estadual de Alagoas

## RESUMO

Ao pensar no ensino literário a pesquisa ora empreendida busca mostrar a experiência de leitura literária em sala de aula da obra “Vidas Secas” de Graciliano Ramos, tendo como suporte pedagógico o método recepcional e a crítica literária. Dessa forma, para fundamentar tal estudo teve-se como base os teóricos BARTHES (1987) AGUIAR e BORDINI (1993), PINHEIRO (2006) entre outros que abarcam a mesma perspectiva de estudo. Assim, nesse processo de ensino/aprendizagem buscou-se conciliar os aspectos literários e prazerosos, uma vez que o ensino de literatura por meio do texto literário é uma atividade globalizante que se justifica por um fazer transformador, no que diz respeito tanto à formação de leitores críticos e competentes, quanto à significação do texto na vivência social do indivíduo leitor.

**PALAVRAS – CHAVE:** Ensino de Literatura. Método Recepcional. Crítica. Texto.

## Considerações Iniciais

A literatura é carregada de um saber cultural e ideológico, por isso que os textos literários são capazes de recriar as informações sobre a humanidade, vinculando o leitor aos indivíduos de outras épocas. Nesse sentido, esse fazer não é individual, a leitura de um texto sempre depende dos falantes, porque ele nunca está pronto e a leitura promove maneiras de ver e entender o mundo, em especial a literária, que proporciona ao leitor o direito de construir sua visão de mundo, de mudar e refazer conceitos.

Nesse sentido, levando em consideração que o livro é um instrumento carregado de saber individual e social de forma cumulativa, então, a partir da leitura o sujeito é capaz de compreender melhor sua realidade e seu papel como indivíduo ativo sob a leitura, pois de acordo com Aguiar e Bordini (1993) os livros favorecem a descoberta de sentidos, mas são os literários que o fazem de modo mais abrangente, em que a literatura da conta da totalidade do real, representando o particular ela logra em atingir uma significação mais ampla.

No entanto a autonomia de disseminar tal encontro do indivíduo leitor com o texto literário tem sido problemático, pois o ensino da disciplina literária é voltado, na maioria das vezes, apenas para o estudo das características histórico-sócio-cultural dos Movimentos Literários e atrelado ao ensino da gramática no uso de textos literários como pretexto para a realização de atividades de análise sintática. Assim, esse processo impede que o aluno tenha uma vivência mais concreta com o texto literário e isso implica numa “pobreza” para com a experiência do indivíduo sob a leitura. Por isto, menciona-se que:

Defende-se, por sua vez, a realização da experiência de leituras permitindo que na interlocução com as palavras o leitor não vise somente, por exemplo, reconhecer características de época, mas permita que aquelas leituras provoquem nele deslocamentos, transformações. O texto, nessa perspectiva, não seria dominado pelo aluno-leitor, nem utilizado como instrumento para adquirir conhecimento: o leitor é quem seria atravessado pela materialidade das palavras, pelo seu jogo de sentidos. (KEFALÁS, 2012, p. 3-4)

Nota-se dessa forma, a importância da leitura literária, Brasil (2008) afirma que o discurso literário decorre diferentemente dos outros, de um modo de construção que vai além das elaborações linguísticas usuais, porque de todos os modos discursivos é o menos pragmático, o que menos visa à aplicação prática. É por isto, que existe a brecha em desenvolver a percepção do leitor, favorecendo a descoberta de sentidos, tanto no âmbito pessoal, quanto no social.

Assim, no Art. 35, Inciso III da LDB citado nas *Orientações Curriculares do Ensino Médio*, pode-se entender que o ensino de literatura está para o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico.

Então, partindo desses pressupostos, a literatura tem uma carga significativa nesse processo de humanização do ser, observa-se que carregar o aluno de informações apenas estéticas do texto literário é lhe tirar o direito de passar por essa experiência sinestésica com a literatura, pois de acordo com Candido (1995) ela desenvolve no indivíduo a quota de humanidade na medida em que o torna mais compreensivo e aberto para a natureza, à sociedade e ao semelhante.

Desenvolvimento este que influencia na condição ética do ser humano, pois Lajolo (1982) assegura que o efeito da leitura literária não se desfaz na última página do livro, no verso do poema, na última fala de representação, mas ela permanece ricocheteando no leitor, incorporada como vivência, erigindo-se em marco do percurso de leitura de cada um. Sendo assim, os efeitos da leitura literária permanecem provocando mudanças ao longo da vida do indivíduo, condicionando as suas escolhas e motivações.

Nesse sentido, o objetivo geral desse trabalho é mostrar a experiência de leitura literária em sala de aula da obra “Vidas Secas” de Graciliano Ramos, tendo como suporte pedagógico o método recepcional e a crítica literária, para alunos oriundos do Ensino Médio da rede pública de ensino. Tal oficina tinha como foco aproximar o aluno do texto literário, deixando-o interagir com o mesmo de acordo com a sua *mundivivência* como ressalta Jauss

(1979) e utilizando o método recepcional como ferramenta pedagógica para o contato com texto literário e sua compreensão, tendo como base a crítica literária.

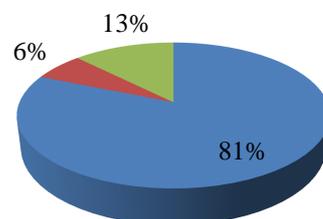
### Uma Experiência com o Texto Literário em Sala de Aula

A experiência foi desenvolvida numa oficina que comportava pela inscrição de dezessete (17) membros, no entanto compareceram apenas três (3) alunos dos dezessetes (17) matriculados. O motivo dessa evasão de quatorze (14) alunos deu-se em função de que dois (2) desistiram por questões profissionais e não tinham tempo para a oficina e doze (12) não compareceram e não houve uma justificativa desses desistentes. Dessa forma, essas vagas foram preenchidas por outros alunos que tinham interesse na oficina, assim a turma passou a comportar dezesseis (16) integrantes, sendo três (3) do sexo masculino na faixa etária entre dezesseis (16) e dezessete (17) anos e treze (13) do sexo feminino com a faixa etária entre quinze (15) e (18) anos. A partir dessa organização iniciaram-se os trabalhos na oficina, que teve duração de seis (6) semanas, cada encontro em uma semana.

A saber, o primeiro encontro tinha como objetivo sondar o aluno, no que se refere ao método recepcional *determinar o horizonte de expectativa* do aluno, a fim de identificar seus interesses, sua vivência tanto no âmbito familiar como no âmbito educacional e despertá-los para o interesse da leitura da obra “Vidas Secas”. Com base nisso, segue a baixo, alguns gráficos que norteiam desde o interesse do aluno pela oficina a dados que comportam o seu conhecimento sobre o escritor Graciliano Ramos.

#### INTERESSE NA OFICINA VIDAS SECAS

■ Vestibular ■ Estudo da Obra ■ Conhecer a Obra

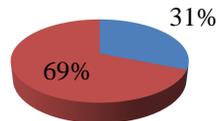


O gráfico acima mostra o porquê da procura da oficina, pois a inscrição deu-se de forma aberta, a princípio foram ofertadas vinte e cinco (25) vagas, inscreveram-se somente

dezesesseis (16), sendo que os que tinham interesse no vestibular (80%) se sobrepuseram aqueles que tinham interesse em estudar a obra (13%) e conhecer a obra (06%).

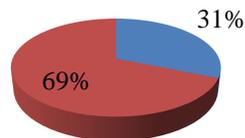
### GRACILIANO RAMOS - HOMEM POLÍTICO

■ Conhecem ■ Não conhecem



### GRACILIANO RAMOS - O LITERATO

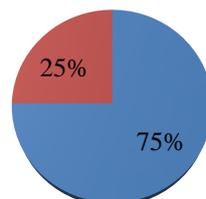
■ Conhecem ■ Não conhecem



Esses dados refletem o grau de informação que o alunado tem sobre o escritor Graciliano Ramos tanto quanto homem político quanto homem literato, os que conhecem (31%) afirmaram que sabiam que ele era alagoano e que havia sido prefeito da cidade de Palmeira dos Índios e que o mesmo era um grande representante da Literatura Brasileira, fazendo parte da geração modernista, no entanto os que não conhecem (69%) disseram que não teve acesso a essas informações na escola.

### ALUNOS QUE CONHECEM AS OBRAS DE GRACILIANO RAMOS

■ Sim ■ Não



Os dados concernentes ao conhecimento das obras de Graciliano Ramos foi que (75%) conhecem as obras do escritor, sendo que (25%) desconhecem a obra do mesmo. Assim, entende-se que os alunos tem conhecimento de algumas obras de Graciliano Ramos, mas não tem profundidade de conhecimento ou experiência de leitura de suas obras, pode-se perceber tal dado no gráfico que traz a abordagem do homem literato.

Dessa forma, o segundo momento deteve-se ao preparo do grupo para a leitura da obra, assim partindo da leitura do primeiro capítulo intitulado Mudança, que traz muito forte a questão do ambiente e a família de retirantes saindo em busca de algo melhor em outras terras. Após a leitura passou-se a questionar o porquê de Graciliano Ramos retratar a realidade nordestina por esse viés.

Sabe-se que esse é um tipo de questionamento notório e a resposta obteve-se de forma imediata, pois alguns alunos responderam que era por conta da vivência do escritor, por ele ter sido nordestino. Nesse limiar, o segundo passo na perspectiva do método recepcional detém-se ao *atendimento dos horizontes de expectativa* do aluno. De acordo com Aguiar e Bordini (1993), esse é o momento de dar-lhe suportes externos que façam com que ele entenda a obra de uma forma mais clara.

Então, para que a turma entendesse como que foi o processo de condicionamento do escritor, foi utilizado o recurso audiovisual, no caso, um vídeo intitulado **Olhares: O Mestre Graça** com direção de Jorge Oliveira e produção do Jornalismo Cinema Vídeo – JCV, o qual contava a vivência do autor, tanto a nível social como a nível literato. O vídeo ainda fez menções a outras criações de Graciliano Ramos como Memórias do Cárcere, Viagem, Infância, Caetés, São Bernardo e Angústia.

Após a exibição do vídeo, a resposta que a turma havia dado obteve uma significação mais ampla entre a representação que o escritor faz do ambiente e sua vivência enquanto nordestino.

O segundo e terceiro encontro tinham como propósito continuar *atendendo os horizontes de expectativa* e incutir a *ruptura dos horizontes de expectativas* pela introdução de textos que abalem as certezas e costumes dos alunos. Dessa forma, foi feito uma recapitulação do encontro anterior e o estudo do primeiro capítulo da obra Mudança. O estudo desse dia iria deter-se ao ambiente, sobretudo como que o elemento “TERRA” era representado na obra a partir da leitura da obra Vidas Secas e de dois textos, sendo o primeiro da autora Clara Ramos (1979) que evidencia o aspecto da terra nordestina e como que esse aspecto se sobressai nas obras de Graciliano Ramos, e o segundo foi da autora Thalita Lins do Nascimento (2011) em seu trabalho “Identidade Nordestina e Literatura: uma análise

discursiva do romance *Vidas Secas*”. Esses textos serviram como suporte crítico para a elaboração do pensamento dos alunos e o segundo foi para a compreensão da criação dos personagens inculcados na obra, pois se entende que:

A obra literária lida provoca em nós diferentes tipos de estranhamento. Agrada, desagrada, escandaliza, deixa-nos perplexos, assustados ou dá-nos a sensação de que não entendemos muito bem aquele objeto estático que foi lido. E aí, lemos um ensaio, ou mesmo um pequeno artigo e somos como que iluminados. Retornamos à obra com uma compreensão nova, ou com pistas para uma compreensão nova. (PINHEIRO, 2008, p.116)

A partir dessas leituras e da importância do suporte crítico para a compreensão dos alunos, as discussões e os questionamentos de como a terra era descrita levaram a uma seguinte observação feita por um dos integrantes do grupo.

“parecia um deserto, uma coisa morta”. (Aluna 2)

Esta foi uma observação interessante da parte da aluna, quando questionou-se o porquê dessa ideia de sertão, ela mencionou que era pelo o que via nos livros de geografia, quando era representado o fenômeno seca, e a turma acrescentou afirmando que quando eles estudavam história que viam algumas guerrilhas no sertão, ou nos próprios filmes que traziam essa ideia de ambiente, a aluna 1 e o aluno 4 citaram o filme de “Os canudos”, como exemplificação. Assim entende-se que:

A literatura assume muitos saberes. Num romance como *Robinson Crusoe*, há um saber histórico, geográfico, social (colonial), técnico, botânico, antropológico (Robinson passa da natureza à cultura). Se, por não sei que excesso de socialismo ou de barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto numa, é a disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário. É nesse sentido que se pode dizer que a literatura, quaisquer que sejam as escolas em nome das quais ela se declara, é absolutamente, categoricamente realista: ela é a realidade, isto é, o próprio fulgor do real. (BARTHES, 2010, p. 16-17)

Evidenciou-se assim, o que a literatura poderia lhes proporcionar, da importância dela, e principalmente essa troca de saberes que o aluno faz com a obra por meio da leitura literária. O próprio reconhecimento sobre o ambiente do nordeste deu-se por meio do conhecimento de mundo que eles já tinham, no entanto foi o texto literário que o conduziu a retomar esse pensamento num momento em que ele foi construído, seja numa aula de geografia, ou numa aula de história ou até mesmo numa exibição fílmica. Nesse sistema de interagir com a obra o

aluno retoma esses conhecimentos e dá um significado mais vivo na mente, tal ação é o próprio processo de preencher as lacunas do texto, de fazer parte dessa construção de ideologias.

Nesse patamar da situação fez-se a leitura dos capítulos intitulados: **Fabiano, Sinha Vitória, O Menino Mais Novo e O Menino Mais Velho**. A partir dessa leitura, foi perguntado como que eles imaginavam as personagens centrais desses capítulos. As reflexões oscilaram desde o campo da personalidade interior, quanto ao parecer estético dos personagens da obra. Percebe-se isso quando eles referem-se a personagem Sinha Vitória:

Sinha Vitória é a típica nordestina, toda vez que leio essa parte eu fico imaginando aquela mulher que segura tudo nos ‘quartos’ (faz menção com as mãos apontando para a cintura) e que vive meio que suja, um tanto rabugenta pela situação que eles vivem. (ALUNA 1)

“Ela é diferente, gostei da parte que não está nesse capítulo, mas na do Fabiano quando ele pensa nela mais gorda, ela pode ser bonita, por que atrai ele, faz ele pensar nela de uma forma mais sentimental”(ALUNA 2)

Na fala dos alunos ainda foi identificado o fator da sensualidade sobre Sinha Vitória, a **aluna 1** faz menção sobre ao capítulo Mudança, em que o mesmo personagem é mostrado pensando na sua mulher de forma “jeitosa”. Nota-se isso na seguinte passagem:

Eram todos felizes. Sinha Vitória vestiria uma saia larga de ramagens. A cara murcha de Sinha Vitória remocharia, as nádegas bambas de Sinha Vitória engrossariam, a roupa encarnada de Sinha Vitória provocaria a inveja de outras caboclas. (RAMOS, 2008, p. 16)

Sobre essa reflexão que a **aluna 1** mencionou o **aluno 4** retoma fazendo a seguinte observação:

“Se Fabiano tá casado com ela é por que alguma coisa ele viu, talvez tenha se apaixonado por ela no inverno quando estava mais gorda, por isso que ele fica imaginando ela ‘gordinha’”.

A reflexão do aluno foi interessante e mostrou um lado que ainda não havia ocorrido nesse processo de compreensão, e quando ele foi explorado sobre essa observação o mesmo afirmou que o inverno é tempo da fartura, do passar bem e que tudo fica mais bonito, então por que não dizer que Sinha Vitória também não voltaria a ser bonita. Eles ainda foram questionados sobre a representação da mulher nordestina na obra e se havia uma valorização

da mulher na mesma. Assim, com intuito de evidenciar esse questionamento, foram expostos os seguintes trechos da obra:

“Sinha Vitória com o filho mais novo escanchado no quarto e o baú e o baú de folha na cabeça.” (RAMOS, 2008. p. 09)

“Sinha Vitória estirou o beijo indicando vagamente uma direção e afirmou com alguns sons guturais que estavam perto.” (RAMOS, 2008. p. 10)

Nessa perspectiva, os alunos perceberam que ocorre um posicionamento da personagem sobre os demais indivíduos, eles trouxeram como exemplo, o fato dela ter uma capacidade maior que Fabiano para calcular os gastos da família e mostrar-se forte junto a ele numa situação degradante que é a seca no nordeste.

Com intuito de levá-los a refletir sobre quem proporciona essa criação imagética dos personagens na mente deles, assim os alunos responderam que:

“O texto professora?” (ALUNA 7)

“Não é quem conta a história?” (ALUNA 9)

“O Narrador”. (ALUNO 5)

Nenhuma das observações estavam erradas, o fato da **aluna 7** referi-se ao texto como principal elemento dessa criação imagética, diz respeito ao processo de fruição que a mesma estava tendo diante do texto literário, Barthes (2010) explica que o brio do texto (sem o qual, em suma, não há texto) seria a sua vontade de fruição: lá onde precisamente ele excede a procura, ultrapassa a tagarelice e através do qual tenta transbordar, forçar o embargo dos adjetivos – que são essas portas da linguagem por onde o ideológico e o imaginário penetram em grandes ondas. Dessa forma, pode-se perceber que a **aluna 7** vivenciou essa experiência de descrição da obra, por meio da linguagem literária cheia de conotações e não especificamente pelo elemento da narratividade que conduz a estória, o narrador.

No entanto é o elemento narrador que é responsável pela compreensão do **aluno 5** e a **aluna 9** sobre a obra, é por meio do que ele conta e como ele conta que os alunos tem uma noção maior de como criar essas descrições na mente.

Seguindo essa linha de raciocínio, foi explicado para a turma que a escolha do foco narrativo em terceira pessoa na obra Vidas Secas é emblemática, uma vez que esse é o único livro em que Graciliano Ramos utilizou tal recurso, pois se trata de uma necessidade da

narrativa, para que fosse mantida a verossimilhança da obra, por conta da falta de articulação verbal dos personagens, em que a escassez da interação é o reflexo das adversidades naturais e sociais que os afligem, em que nenhum personagem parece capacitado para assumir a narração.

Assim, de acordo com Nascimento (2011) o autor também utilizou o discurso indireto livre, que é uma forma híbrida nas falas dos personagens em que se mesclam ao discurso do narrador em terceira pessoa. Então, essa foi a forma para que a voz dos marginalizados pudesse participar da narração sem que tivessem de arcar com a responsabilidade de assumir o compromisso de narrar. Ainda nos dizeres de Nascimento (2011) a obra reporta-se a presença de outros discursos, como por exemplo o discurso do retirante sonhador, oprimido e anônimo.

Com base nessas informações, foi feita uma pesquisa nos seis primeiros capítulos pelos alunos, a fim de identificar esses discursos nos personagens. Conforme essa ideia, os alunos conseguiram identificar o discurso ou a presença do Retirante Oprimido pela sociedade e pela condição de vida sertaneja na personagem Fabiano, assim o **aluno 5** evidencia que na obra essa característica revela-se da seguinte forma:

“Coçou o queixo cabeludo. Parou, reacendeu o cigarro. Não provavelmente não seria homem: seria aquilo mesmo a vida inteira, cabra, governado pelos brancos, quase uma rês na fazenda aleia”. (RAMOS, 2008. p. 24)

“A caatinga ressuscitaria, a semente do gado voltaria ao curral, ele, Fabiano, seria o vaqueiro daquela fazenda morta. Chocalhos de badalos de ossos animariam a solidão. Os meninos, gordos, vermelhos, brincariam no chiqueiro das cabras. Sinha Vitória vestiria saias de ramagens vistosas. As vacas povoariam o curral. E a caatinga ficaria toda verde”. (RAMOS, 2008. p. 15)

Na personagem Fabiano eles também conseguiram identificar a presença, por meio do discurso, o retirante sonhador aquele que visualiza um futuro melhor, essa característica também está presente na personagem Sinha Vitória, retirante sonhadora, que pensa constantemente em possuir uma cama como a do Seu Tomas da Bolandeira, esse sonho segundo a **aluna 1** está ligado ao fato dela sonhar também com conforto e a cama traz a ideia de conforto e bem estar. Assim, ela ressalta que na obra esse sonho mostra-se da seguinte forma:

“Outra vez Sinha Vitoria pôs-se a sonhar com a cama de lastro de couro. Mas o sonho se ligava a recordação do papagaio, e foi-lhe preciso um

grande esforço para isolar o objeto de seu desejo”. (RAMOS, 2008. p. 44)

Quanto ao retirante anônimo, os alunos trazem como referência os personagens do Menino Mais Velho e do Menino Mais Novo, sendo assim esse anonimato é dado pela ausência da comunicação com a família, e a falta de estímulo que não ocorre para a realização de suas curiosidades e desejos. Pode-se perceber esse anonimato nas seguintes passagens:

Julgou-a estúpida e egoísta, deixou-a, indignado, foi puxar a manga do vestido da mãe, desejando comunicar-se com ela. Sinha Vitoria soltou uma exclamação de aborrecimento, e, como o pirralho insistisse, deu-lhe um cascudo. Retirou-se zangado, encostou-se num esteio do alpendre, achando o mundo todo ruim e insensato. (RAMOS, 2008. p. 48)

O pequeno afastou-se um pouco, mas ficou por ali rondando e timidamente arriscou a pergunta. Não obteve resposta, voltou a cozinha, foi pendurar-se a saia da mãe: - Como é? Sinha Vitoria falou em espetos quentes e fogueiras. - A senhora viu? Ai Sinha Vitoria se zangou, achou-o insolente e aplicou-lhe um cocorote. O menino saiu indignado com a injustiça, atravessou o terreiro, escondeu-se debaixo das catingueiras murchas, a beira da lagoa vazia. (RAMOS, 2008. p. 56)

Nesse caminhar, a experiência com o texto literário foi tomando uma dimensão mais significativa na vivência literária desses leitores, assim a aplicação da quinta fase seria de forma mais abrangente, pois a *ampliação dos horizontes de expectativas* é a culminância desse processo de leitura literária, em que o contato e o entendimento são alcançados por meio da visão de mundo do indivíduo e da tomada de consciência das alterações e aquisições obtidas através da experiência com os textos literários. Dessa forma, foi proposto no primeiro momento um passeio à cidade de Palmeira dos Índios – AL cidade do escritor Graciliano Ramos e no segundo momento a representação da obra por meio de uma peça, para tal criou-se um roteiro com base nas discussões feitas em sala e com dicas dos alunos.

Assim, a quinta fase, que tem como intuito fazer as relações da leitura literária com a vida, perpassou não por ultimo, mas durante todo o processo da aplicação do método na oficina, desde o primeiro encontro essa relação com a vida já foi feita de forma direta, pois houve uma pequena discussão sobre esse processo de criação da obra *Vidas Secas* com os próprios excertos **VIDAS** e **SECAS**, foi questionado o porquê desse título e o que a turma trouxe como resposta foi que essa obra representava a vida seca daqueles retirantes no próprio ambiente.

O mesmo questionamento foi feito no último dia da oficina e a resposta foi que: **VIDAS SECAS** era a representação da vida de uma família de retirantes que vivia na seca, mas a seca de tudo de personalidade dos personagens, da comunicação dos mesmos e da própria relação deles com o meio social. Aqui, fica evidente os conceitos diferenciados, a turma tinha uma percepção do que era vidas secas, antes de deterem-se ao estudo da obra e após o estudo esse conceito é reformulado para uma postura mais completa.

No que se refere ao trabalho com a peça, foi um desafio proposto com o intuito de identificar a relação que o grupo teve com a obra e fazê-los sentir o processo de inversão, eles no lugar das personagens vivenciando a situação, mesmo que de forma fictícia. Assim, no processo de encenação pode-se perceber que esse contato com o texto literário e com a experiência de observação deles do meio auxiliou de forma significativa na experiência de leitura e contato com o texto literário, assim a **Aluna 1** evidencia que:

Foi fundamental a gente encontrar esse tipo de literatura que é fortemente marcada pelo senso regionalista onde podemos conhecer mais a respeito do que vem acontecendo ao logo de séculos na nossa região, foi também de extrema importância descobrimos que alagoas é capaz de produzir uma arte tão bela quanto a de Graciliano Ramos, pra mim a pequena apresentação teatral que fizemos foi uma das coisas mais belas dessa oficina, eu fiz Baleia a cadelinha do livro é me apaixonei pela forma como o autor faz esse personagem virar “humano”.

Dessa forma, recorrer ao recurso da encenação foi essencial para a vivência literária desse grupo, a aprendizagem saiu do campo teórico e tomou uma dimensão prática, em que eles precisavam agir e pensar sobre interpretar e vivenciar a personagem nas condições do Sertão Alagoano. Assim, a experiência teatral contribuiu para elucidar a significação e a compreensão da obra, em que a mesma é capaz de contribuir para o ensino-aprendizagem, influenciando dessa forma na construção do pensamento crítico e humanizado diante de uma sociedade tão fragmentada.

## **Considerações Finais**

Diante de determinada vivência literária em sala de aula, o que pode-se trazer como critério conclusivo é que esse processo de incutir o prazer da leitura literária não acabou nesse ponto, mas começou. O principal desafio seria acordá-los ou motivá-los para a leitura literária ou para esse contato com a literatura, dessa forma o trabalho proposto com o texto literário, os recursos audiovisuais oferecidos, os textos de teor crítico lidos em sala e depois atribuídos à obra e os questionamentos sobre o texto literário, foi fundamental para esse despertar,

contribuindo para isto o passeio a Cidade de Palmeira dos Índios e a encenação colaboraram para que essa motivação tivesse um lado vivenciado e concretizado da reflexão da obra *Vidas Secas* de Graciliano Ramos.

Dessa forma, outro fator que teve um papel diferencial foi à utilização do método recepcional como ferramenta pedagógica, calcado na **Teoria da Recepção**. Determinado suporte teve um papel de direcionamento eficiente, sendo que todas as etapas comportam um todo. No entanto, tal método seria ineficiente, caso a base de formação literária do professor esteja deficiente, pois como lembra Cereja (2005) o professor que não lê se não é um leitor experiente, se não conhece algumas teorias literárias que norteiem seu trabalho, não terá subsídios para abordar literatura em suas aulas.

Nessa perspectiva, corroborando com os dizeres de Aguiar e Bordini (1993) o final da aplicação de um trabalho como esse é o início de uma nova aplicação, que evolui em espiral sempre permitindo essa interação entre o leitor, o texto e a vida. Nesse sentido, com aprimoramento da leitura numa perspectiva ideológica e crítica, o aluno torna-se agente de sua aprendizagem, determinando ele mesmo a continuidade desse processo, numa fiel evolução cultural e social.

## Referências

- AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. **Literatura: a formação do leitor – alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- BRASIL. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. Brasília: Ministério da Educação, 2006.
- CANDIDO, Antônio. **O direito à literatura**. In:\_\_\_\_\_. *Vários escritos*. 3 ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- CEREJA, William Roberto. **Ensino da literatura: uma proposta dialógica para o trabalho com literatura**. São Paulo: Atual, 2005.
- JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Tradução: Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.
- KEFALÁS, Eliana. **Corpo a corpo com o texto na formação do leitor literário**. Campinas - SP: Autores Associados, 2012.
- LAJOLO, Marisa. **O que é literatura**. São Paulo: Brasiliense. 1982.
- NASCIMENTO, Thalita Lins do. **Identidade Nordestina e Literatura: uma análise discursiva do romance Vidas Secas**. Alagoas: UNEAL, 2011.
- PINHEIRO, Hélder; ARISTIDES, Jaquelânia; SILVA, Maria Valdênia da; ARAÚJO, Miguel Leocádio. **Literatura e formação de leitores**. Campina Grande: Bagagem. 2008.
- RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 108 ed. São Paulo: Editora Record, 2008.
- RAMOS, Clara. **Mestre Graciliano: confirmação humana de uma obra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

VILLARDI, Raquel. **Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida inteira.** Rio de Janeiro: Dunya, 1999.

## ANEXOS

### Registro Fotográfico



Alguns integrantes da Oficina: Vidas Secas, a quarta da esquerda para direita a estudante do 8º período de Letras e aplicadora da oficina Aline Barbosa de Almeida e ao centro a Orientadora Eliane Bezerra.



Entrada da Casa Museu Graciliano Ramos (Passeio a Cidade de Palmeira dos Índios)



No quintal da Casa Museu Graciliano Ramos (Passeio a Cidade de Palmeira dos Índios)



Encenação da Peça Vidas Secas – alunos integrantes da oficina